

QUEM DISSE POVO EUROPEU?

Pedro Lomba

Durante os últimos meses tenho vivido intermitentemente em Itália. Quando cheguei, Romano Prodi ainda mandava num Governo instável e imprevisível como tem sido sempre a esquerda italiana. Até que um conflito interno com um dos ministros, o ruidoso Mantella, desuniu fatalmente o Governo, o Senado votou depois a demissão e o Parlamento acabou dissolvido. Berlusconi, como se sabe, ganhou com calma as eleições seguintes, para espanto de todos os que pela Europa fora acham justamente o conhecido empresário e homem dos *media* uma caricatura. Aos italianos não interessa muito que Berlusconi ataque a esquerda com tiradas de gosto duvidoso ou demonstre escassa compreensão pela diferença entre o interesse público e o interesse privado. O que essencialmente os preocupa é a restituição da autoridade do Estado e da estabilidade política e o líder da nova esquerda, Walter Veltroni, não lhes garantia isso. Na verdade, a Itália atravessa uma crise de confiança com muitos pontos de contacto com a realidade portuguesa. Os políticos não são melhor vistos aqui do que em Portugal.

Um tema essencial para se perceber as últimas eleições e toda a contestação ao Governo Prodi: a imigração. Recordo uma entrevista que o ex-primeiro-ministro deu, antes da demissão, ao *Financial Times* sobre as mudanças legislativas em Itália no domínio da imigração. Prodi disse, por exemplo, que os três milhões de imigrantes que entraram em Itália nos últimos anos causaram um «impacto psicológico e social incrível». Confessava que viu o primeiro estrangeiro quando tinha 6 anos (e quantos portugueses não diriam o mesmo?). A Itália não é a mesma. Mas também disse o seguinte: queixando-se do movimento maciço – «que ninguém esperava» – de romenos que chegou a Itália desde que a Roménia aderiu à União Europeia, sugeriu que se repensassem as regras que regulam a livre circulação de cidadãos comunitários para facilitar as repatriações e o controlo dos fluxos. Não vieram por acaso estas declarações: a animosidade em Itália contra os imigrantes romenos aumentou no último ano por causa da participação de alguns nacionais daquele país em crimes violentos. «In Italia si consume, si paga», ouvi eu aqui há uns

meses num café de Florença no meio de acesa discussão entre um romeno e o dono de um café.

A Europa tem acreditado que o projecto de alargamento das suas fronteiras resolve naturalmente problemas difíceis de imigração dentro do espaço europeu. Num certo sentido, um dos motivos para o sucesso da integração europeia, além da criação do mercado único, esteve sempre na adesão pragmática, por vezes determinista, que a ideia sempre recebeu dos países mais pobres, interessados em subir os seus padrões de vida e, como nós nos habituámos a dizer, em viver «à europeu». A Europa tem assentado num compromisso entre a lógica económica do mercado comum e a aposta desenvolvimentista na coesão dos novos estados-membros. Quanto mais coesos e próximos do nível médio dos europeus fossem esses novos países, mais as suas populações se fixariam nos respectivos países, contribuindo para um certo equilíbrio social dentro da União. Foi assim quando a Europa começou por se expandir para os países pobres do Sul da Europa, entre eles Portugal. Com o fim do Bloco de Leste, a integração dos antigos países comunistas também se tornou inevitável e, como Joschka Fischer disse uma vez, uma questão de justiça histórica.

No caso português, mesmo que a percepção de viver «à europeu» esteja em crise por causa da nossa proverbial estagnação económica, a verdade é que entre as várias virtudes da nossa entrada na Europa houve uma óbvia: deixámos de ser um país de emigração, um país de fuga e exportação de mão-de-obra pouco qualificada. Passou

a ser possível viver em Portugal, usar as oportunidades do país e sentir que, ano após ano, a vida melhorava e íamos convergindo com a Europa. Em teoria dispúnhamos de liberdade de circulação dentro da União, mas uma vez que as pessoas não circulam, por razões óbvias, como as mercadorias, o que tínhamos a ganhar em estar na Europa consistia precisamente em não ser imperativo circular. A Europa permitia-nos permanecer, com vantagem, em Portugal. Curiosamente, neste sentido a europeização de Portugal fez de nós mais «portugueses».

Neste momento, o cenário de dificuldades que a Itália tem tido com os seus imigrantes romenos fornece-nos o exemplo oposto. Os romenos não se deixaram ficar pela Roménia. Milhares continuam a entrar em Itália fugindo à pobreza e ao desemprego. Como cidadãos comunitários usam legitimamente a liberdade de circulação. E, no entanto, a circunstância de um grupo evidentemente restrito de cidadãos romenos ter mostrado problemas de integração no país acolhedor, levantou a dúvida nos italianos sobre por que motivos não-de estes imigrantes comunitários gozar do direito de livre circulação. Restrições e desvios à livre circulação começaram a ser equacionadas. As recentes investidas do Governo de Berlusconi têm tudo a ver com isso.

Este é mais um teste à capacidade de a União Europeia estabelecer compromissos. Em abstracto, não é, de facto, aceitável a conversão da liberdade de circulação numa liberdade menor para alguns europeus. Não foi para isso que se criaram as famosas liberdades comunitárias. A prazo,

a criação de classes de cidadania europeia poderá pôr em causa a própria ideia de cidadania europeia. Mas há duas lições de tudo isto que convém tirar para quem acredita que a política deve ser, acima de tudo, a arte da prudência. Em primeiro lugar, os futuros alargamentos da Europa precisam de ser decididos com máximo cuidado no sentido de oferecer às populações dos estados que entram expectativas legítimas e

realistas de desenvolvimento interno. Segundo, os estados-membros europeus precisam de cooperar activamente entre si na questão da imigração interna, regulando os fluxos migratórios em conjunto e concertando posições. A Europa precisa de mais imigração e circulação. Mas o equilíbrio realista de todos os estados neste tema é a única forma de evitar derivas anti-imigração em cada um deles. **RI**